

A CONQUISTA DA ESCOLA PLÍNIO LEMOS PARA O ASSENTAMENTO ZÉ MARCOLINO

SILVA Maria Raquel Avelino da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
raquel-avelino@hotmail.com

ARAUJO Albertina Maria Ribeiro Brito de
Orientadora
albertinari@hotmail.com

Resumo: Os movimentos sociais são o corpo que sustenta o povo quando os corpos desses carecem, precisam, faltam e gritam. Neste contexto, a educação é o pensamento que provoca reflexão e a inquietação que encoraja o corpo a lutar, buscar e resistir. Assim, a educação ganha alma, sentido e significado, sendo mediadora de grandes transformações, que acontecem quando as pessoas se unem pelo mesmo propósito, suas forças se fortalecem, gerando empoderamento para uma tomada de pensamento consciente. Nessa ótica, esse trabalho tem o objetivo de conhecer detalhadamente o processo de luta e resistência da construção da Escola Plínio Lemos, no Assentamento Zé Marcolino localizado no Município de Prata – PB\Cariri Paraibano, que vem marcada pela luta, por uma educação que comungue com os princípios e possua raízes na educação do campo. Assim como também identificar os significados que a construção da Escola tem para os moradores, analisar as contribuições de uma prática educativa volta para a valorização do sujeito como cidadão, e sintetizar como esses processos de lutas, transformam os sujeitos. Uma luta por uma escola próxima não só geograficamente, como também pedagogicamente, com práticas que aproximem e valorizem a identidade e o contexto dos estudantes. Para isto foi realizada uma pesquisa qualitativa em conjunto com pesquisa ação e pesquisa participante, por meio de entrevistas semiestruturadas e vivências na Escola Plínio Lemos e no Assentamento Zé Marcolino. Este estudo proporcionou compreender e participar de experiências transformadoras através da história de uma comunidade marcada pela força a qual faz com que as lutas aconteçam. Trazendo consigo o retrato de mulheres guerreiras que lideram com muita coragem esses movimentos sociais em busca de políticas públicas e efetivação de seus direitos. Portanto compreende-se que as lutas são contínuas para manter a escola, e elas só são possíveis porque a comunidade é entendedor da importância, do conhecimento e do direito de ser.

Palavras-chave: Movimentos Sociais, Educação do campo, Resistência.

INTRODUÇÃO

Levar o sujeito a refletir, questionar e criticar, era um dos principais métodos defendido por Paulo Freire, por acredita ser um processo transformador que se dava por meio da reflexão. Contrário a essas práticas existe o que Freire chamava de “Educação Bancária” na qual o individuo só recebe informações, que não fazem sentido para eles, e não se leva em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, sendo eles meros receptores desprovidos de conhecimentos, o que acontecia era um roubo do direito a aprendizagem. Na Educação Bancária é como se não

estivessem lidando com pessoas, e sim com máquinas que deveriam estar programadas para seguir um único sentido, que era da reprodução sistematizada.

Com isto dentro das várias vertentes as quais a pedagogia é capaz de se direcionar, seja social, política ou cultural, interligada a ela nos deparamos com a dimensão educativa em especial, que se configura por uma dimensão crítica que se preocupa em preservar valores e princípios pautados em concepções contra - hegemônicas. É o que acontece na Educação Popular, que prioriza a subjetividade do sujeito, contribuindo com o realçar de seus significados e com o modo de enxergar seu contexto, e dialogar com outros. Conceição Paludo (2015, p.8) diz que “O Movimento da Educação Popular é o interior desse processo, na direção da construção de fazer do povo expressão política de si mesmo, por meio de organizações populares autônomas imbuídas do desejo de construir o poder popular.” ou seja a própria concepção de mundo e de sujeito, que se estabelece no entendimento da própria identidade, e do meio ao qual esses sujeitos estão inseridos. Desta forma quando se educa para viver em seu território e conviver com outros, os mesmos se fortalecem, e mediam grandes transformações, que acontecem quando as pessoas se unem em seus contextos cotidianos: territórios, espaços e lugares.

Um destes contextos, que se afirma frente a sentidos e significados, com sujeitos e espaços singulares, é a região semiárida. Este espaço se caracteriza por inúmeras concepções, estereótipos e características. O Semiárido é caracterizado por alternâncias pluviométricas e por um povo marcado pelas lutas de permanência em suas terras devido as irregularidades do tempo. Os sujeitos moram na região semiárida também traz consigo fortes marcas culturais, rica e muitas vezes sedenta de reconhecimento e respeito. Ver as singularidades desse povo re- existindo e existindo é muito bonito, por isso se faz necessário elucidar as lutas que vários sujeitos presentes nos territórios semiaridianos carregam, ressignificam e constroem em suas cotidianidades.

A decisão para a realização dessa pesquisa se deu através de um intercambio realizado no componente curricular de Estágio Supervisionado em Educação do Campo VI. Onde em uma tarde do ano de 2016, intercambiamos conhecimentos com os moradores do Assentamento Zé Marcolino que fica na divisa entre os municípios de Prata, Sumé e Amparo, microrregião do Cariri Paraibano. Nesse contato que tivemos eles contaram sobre os processos de luta para a construção da Escola Plínio Lemos, e o direito de uma educação contextualizada. O intercâmbio permitiu conhecer, uma comunidade marcada por negações e violações de seus direitos, porém, ela representa também uma militância regada por lutas, conquistas e resistências. Frente a esses pontos,



me senti provocada e inquieta em conhecer mais sobre esse processo de luta. Questionamentos como, em que momento a comunidade sentiu a necessidade de uma escola local? Qual a importância dos movimentos sociais frente a luta por políticas públicas? Quais mudanças esses processos de resistência causa nos sujeitos? Como a prática pedagógica voltada para a contextualização, transforma o sujeito, enquanto valor de identidade e cultura? A busca por essas respostas, fez com que o desejo de aproximação acontecesse.

Dentro desse quadro o principal objetivo da pesquisa foi de conhecer de forma detalhada o processo de luta e resistência da construção da Escola Plínio Lemos, no Assentamento Zé Marcolino localizado no Município de Prata – PB\Cariri Paraibano, que vem marcada pela luta, por uma educação que comungue com os princípios e possua raízes na educação do campo. Assim como também identificar os significados que a construção da Escola tem para os moradores, analisar as contribuições de uma prática educativa volta para a valorização do sujeito como cidadão, e sintetizar como esses processos de lutas, transformam os sujeitos

A metodologia para desenvolver esse trabalho foi qualitativa, por acreditar ser o meio que daria suporte para responder aos questionamentos e alcançar os objetivos, juntamente com entrevistas semiestruturadas, pesquisa participante e pesquisa ação, que proporcionaram a interação com os assentados, onde a troca de experiência se fez no coletivo, dentro de uma experiência educativa.

Os movimentos sociais se configuram como uma força do povo que luta pelos seus direitos. É comum, e até necessário travar algumas lutas para que seus direitos sejam efetivados, o que deveria ser uma situação oposta, uma vez que é seu por direito, o mesmo deveria ser cumprido naturalmente, fato que não ocorre. E quando falamos na urgência de uma gramática educativa que atenda a realidade específica de cada localidade, que atenda uma demanda social voltada para priorizar a identidade do sujeito, percebemos um cenário que vem passando por resistência para se firmar.

METODOLOGIA

O que percebemos quando olhamos? O que nos leva a conhecer? O que aprendemos pelo sentido passa pelo filtro do que já vivemos, ouvimos ou conhecemos. Em uma pesquisa os olhos



interrogam, estabelecendo um confronto teórico e prático. A curiosidade nos leva a lugares que provocam o desejo intrínseco de saber e entender, de mudar algo ou ser modificado. Até esbarrarmos no subjetivo, no que é próprio de cada lugar, no que é particular, em seus sentidos, e significados que a pesquisa permite encontrar, até mesmo nas certezas desconstruídas que são ressignificadas. Saber o caminho para conhecer algo que nos provoca, nos inquieta, é uma das coisas mais importantes para de fato conhecer. É como tecer algo que ajude a compreender histórias, lutas, realidades, e mais, é como tecer um caminho para também nos conhecermos. O percurso metodológico do pesquisador acaba se tornando a janela para uma vista, que o levará a compreensão do que até então estava confuso.

Para esse estudo a abordagem utilizada foi a pesquisa qualitativa. Sobre a mesma Minayo (2007) afirma:

A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. Ela se ocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2007, P.)

Na pesquisa qualitativa é possível a aproximação mais íntima com o campo de pesquisa ou seu objeto. A percepção através do olhar se faz devagar, vagando pelo que está diante, desobrigado de pressa, ânsias e imaturas respostas. Vivendo o aprendizado que acontece simultaneamente naquele instante. A pesquisa qualitativa foi mediada pela pesquisa participante e pesquisa ação, junto com entrevistas semiestruturadas. Brandão (2006) diz que a pesquisa participante, apresenta-se em pelo menos duas dimensões.

A primeira: agentes sociais populares são considerados mais do que apenas beneficiados passivos dos efeitos diretos e indiretos da pesquisa e da promoção social dela decorrente ou a ela associada. Homens e mulheres de comunidades populares são vistos como sujeitos cuja presença ativa e crítica atribui sentido a pesquisa participante. Ou seja, uma pesquisa é participante não porque os atores sociais populares participam como coadjuvantes dela, mas sim porque ela se projeta, porque realiza desdobres através da participação ativa e crescente desses atores.

A segunda dimensão para Brandão

Em outra direção, a própria investigação social deve estar integrada em trajetórias de organização popular e assim, ela deve participar de amplos processos de ação social de uma crescente e irreversível vocação popular. Uma articulação de ações da qual a pesquisa participante é uma entre outros instrumentos. Um instrumento

científico, político e pedagógico de produção partilhada de conhecimento social e também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular. Estamos em uma estrada de mão dupla de um lado, a participação popular no processo da investigação. De outro, a participação da pesquisa no correr das ações populares.

Diante de tais dimensões percebemos que neste sentido a pesquisa acontece em comunhão, em diálogo, onde ambos os sujeitos se abrem para o processo de investigação, interagindo um com o outro todo tempo. Sobre a pesquisa ação, Thiollent 1992, afirma

Na pesquisa- ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e as pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo.

Neste contexto foi buscado e mantido essa relação próxima com o sujeito investigado, através das vivências, acompanhadas por entrevistas e diálogos. O diálogo permite criar uma conexão com o outro, nos levando a reflexões, e trocas de experiências, conhecendo a carga histórica, juntamente à diversas realidades. Para Freire, o diálogo permite uma fala democrática e de respeito com relação aos outros, na qual você aprende e ensina simultaneamente

RESULTADOS E DISCUSSOES

Localização do campo de pesquisa

A pesquisa aconteceu no Assentamento Zé Marcolino que fica na divisa entre os municípios de Prata, Sumé e Amparo, microrregião do Cariri Paraibano O assentamento pertencia ao Major Tobias e era conhecido antigamente pela Fazenda Serrote Agudo. O Major repassou as terras para outros donos, que com o passar dos anos faleceram e seus herdeiros venderam tudo, obrigando algumas famílias a deixarem a terra onde viviam. Em torno dos anos 2000 as terras são compradas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) se inicia o cadastramento das famílias, que por volta do ano de 2002 ocupam o assentamento que se dividiu em quatro agrovilas: Lajinha, Macacos, Formigueiro e Cumarú.

Hoje em dia a beleza do lugar toma conta de quem o visita, o abraço é acolhedor, como se todo mundo carregasse a paz nos braços, são pessoas inteligentes, parece que descobriram o que tanto vivemos a procurar, não exposto em palavras a raridade do ofício de viver, isso transborda no

cotidiano deles. As crianças aprendem muito, e na mesma proporção ensinam. Os fins de tarde vêm acompanhados do barulho dos sinos das cabras, anunciando a chegada da noite que traz um céu muito estrelado. As lutam são diárias foi possível acompanhar algumas, o povo não se vitimiza, o povo se une. O assentamento Zé Marcolino tem cheiro de café de manhã, convidando para viver o dia. Isso me lembra que a educação não acontece apenas entre os muros das escolas, ela acontece em tudo quanto é lugar. O aprender é sagrado, e todos os dias ele acontece.

A escola Plínio Lemos, em seu espaço físico comporta três salas, que atendem a educação infantil e o ensino fundamental em suas séries iniciais. A instituição tem dois banheiros, uma cozinha e a secretária que divide espaço com o pátio. Ao entrarmos na escola, vemos nas paredes, fotografias de atividades culturais usando o espaço externo da escola com a participação da comunidade, tinham também pinturas e atividades escolares, todas contextualizadas com realidades dos educandos. Nas fotos estão atividades das crianças com a horta, a geotinta que é uma técnica que trabalha com o solo para pintar, apresentações, participação da família, se encontra registros de projetos que a escola trabalha durante o ano, todas considerando a realidade do lugar onde vivem.

Lutas e resistências para a construção da escola

Quando vemos algo existindo, cuja existência nos leva a pensar como é simples e fácil viver, por diversas vezes não percebemos que além da simplicidade, transcende uma força que tornou possível a leveza dessa existência. Assim acontece na Escola Plínio Lemos. Se a palavra resistência ganhasse forma física seu endereço seria Assentamento Zé Marcolino.

No Assentamento Zé Marcolino mora um número de crianças bastante significativo, as mesmas tinham que se locomover de ônibus para chegar até a escola que ficava em Prata –PB. Como conta uma mãe e funcionária da Escola:

“ A gente viu a necessidade de ter nossos filhos estudando no campo, porque a gente via a dificuldade que tinha de mandar eles para a cidade com todo acontecimento que vinha acontecendo, acidente, um risco de transporte pra rua”. (Funcionária e mãe).

O perigo que as crianças viviam diariamente ao se locomover para a cidade, foi essa preocupação que fez com que a comunidade percebesse a necessidade de uma escola próxima. A partir disso, as mulheres elaboraram um projeto e foram em busca do direito por essa política pública. Como diz o camponês assentado que fez parte do processo:

“O processo foi muito demorado, quando a gente via que as crianças iam pra rua chegava tarde da noite, sujos de lama. A gente teve a ideia de formar a escola, aí a gente começou, falou com a entidade até que a gente teve a ideia de fazer a escola com o recurso que recebia, aí as mulheres criaram um grupo”. (Camponês assentado).

Dentro desse contexto de preocupação com a segurança das crianças, se deu início ao processo de luta e resistências. Através das reuniões com os moradores, eles decidiram que o recurso do PDHC (Projeto Dom Helder), o qual tratava-se de um projeto de assistência técnica que era distribuído uma verba por família. Em reunião com a comunidade ficou decidido que esse dinheiro seria investido na construção da Escola, porque é se pensando a prática que aprendemos a pensar certo. Com este recurso em mãos foram em busca de outras colaborações e apoios. Os moradores tinham conhecimento das dificuldades que teriam, porém são politizados enquanto seus direitos, consideram a necessidade de uma educação transformadora. As lutas nos levam a questionar, o que faz o homem a buscar? Sei que temos várias repostas como a injustiça, desigualdade e direitos. Paulo Freire dizia: “Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”. Enquanto entrevistava as pessoas ficava claro que amor é a morada para todos os significados, pelos quais eles lutavam e lutam.

“A Escola Plínio Lemos para a gente é como se fosse um filho. E essa escola a gente diz que é um filho, porque quando a gente fala de amor, para uma mãe não há amor maior que um filho. Então pra gente essa escola é um filho, que a gente mesmo que construiu”. (Funcionária e mãe).

A Escola traz consigo significados fortes, há uma contribuição de cada sujeito. O que faz com que a família se sinta como parte da instituição. Reconhecendo desde já a importância da relação entre comunidade e escola. Pelo o que observei, essa relação ela é intensa e tem raiz, que aconteceu através da luta.

Então a partir das reuniões a ideia de ter uma escola local, já estava certa para os moradores que foram em busca do apoio municipal para isto. Porém não tiveram nenhum êxito em relação a alguma ajuda.

“Depois dessa reunião com as mulheres, todo mundo ficou a favor de construir a escola, sei que fomos tentar ajuda com o município só que lá não apoiaram em nada esse foi o primeiro obstáculo que a gente tinha que enfrentar né”. (Funcionária e mãe)

Mesmo recebendo o primeiro “não”, eles decidiram continuar e irem atrás de outras instancias que pudessem apoiar o projeto.

“A gente fez uma reunião com o secretário de educação, que no primeiro ponto tinha a escola, depois as professoras foram em uma reunião na sede do município na prefeitura a já não tinha mais a escola, ali a gente achou que tinha perdido não tinha jeito. Então a gente foi atrás do promotor, trouxe ele para cá, e ele mandou continuar a escola” (Camponês assentado)

Neste momento a comunidade ainda não tinha conseguido nenhum apoio municipal, nem estadual para construir o prédio da Escola. Então com o apoio do promotor, que os orientou a começar com as aulas, porque assim o poder público teria que se responsabilizar. Foi neste momento que uma das moradoras do Zé Marcolino, cedeu a sua casa para que funcionasse como escola, e foi morar no armazém na casa de seu pai.

“Minha filha saiu da casa dela veio morar no armazém daqui passou um ano, a gente construiu a escola, aí foi trabalhando na construção da escola e os alunos estudando na casa. A gente foi atrás do recurso com o estado, conseguimos uma verba que foi pouca mesmo assim demos início”. (Camponês agricultor)

A comunidade não encarava a escola como um estágio a ser alcançado e sim um norte para ser seguido, eles acreditavam nas transformações e possibilidades de reflexão e aprendizado que uma escola que reconhecesse seus valores culturais poderia oferecer. Como diz um agricultor a luta não era apenas por uma escola que fosse próxima. “A gente lutou por uma escola, onde as crianças pudessem saber né o que fazia parte do campo, o que plantava”. (Agricultor), dialogando com o que o agricultor diz, uma das líderes da associação afirma:

“Sentimos a necessidade de as crianças ficarem mais próximas do Assentamento e aprender também as questões que envolvem toda a comunidade do Assentamento, porque nas ruas elas estavam ficando muito fora da realidade da gente”. (Líder dos movimentos das mulheres)

Através do diálogo com eles durante esse tempo foi possível enxergar a naturalidade disso neles. São seres humanos que não se deixaram embrutecer com o tempo ou dificuldades, capazes de extrair de situações ordinárias, de negação e violação, a essência extraordinária de olharem juntos e lutarem juntos, com a capacidade para transfigurar a realidade, e assim transcender independente do caminho que vá escolher para isso. A escolha deles foi não desistir e ir em busca do que lhes pertencia por direito.

A força da mulher da campesina

Após ter conseguido um recurso com o estado e a permissão para que a Escola no Assentamento funcionasse como anexo de uma escola da cidade, foi preciso de uma força tarefa para construir o prédio e, para essa construção, entra em cena mais uma vez a garra feminina, mulheres fortes e empoderadas.

“A construção da Escola foi feita pelas mães, o alicerce da escola, as pedras foram carregadas pelas mães, a escola foi feita em mutirão porque o dinheiro infelizmente não dava, veio dinheiro do estado mas foi pouco, com o dinheiro foi feito o que dava, mas tinha que carregar pedra, carroça, balde, isso mãe buchuda, isso mãe maguinha, mãe gordona. Precisava encher de areia vinha todas mulheres com balde, com os meninos, vamos lá e enchia”. (Funcionária e mãe)



Nesse cenário traz características de mulheres fortíssimas que vão contra o que a sociedade espera da mulher, aquela cultura de mulher frágil vitimada. O Assentamento revela um poder consciente nas mulheres, ou seja, elas sabem que tem, elas assumem sua identidade própria e se empoderam, deixando de estar alicerçadas e dependentes da força dos homens. Na fala de uma das mulheres envolvidas na luta, ela enaltece mais uma vez essa força:

“As mães queriam que seus filhos estudassem próximo e então começou uma luta, foi uma organização das mães a escola funcionar, estavam tudo sempre presente, desde as reuniões até a força física mesmo, não pouparam as forças, graças a elas que temos a escola.”
(Funcionária e mãe)

Após tanta luta e empenho, a comunidade conseguiu levantar o prédio da Escola Plínio Lemos. O qual ficou funcionando como Anexo da Escola que ficava na cidade de Prata – PB.

“A Escola começou como anexo com cento e uma dificuldade, era uma diretora lá na rua, aqui só era uma sala de aula de lá a gente não tinha nenhum apoio, pra ela não tinha sentido ter uma sala de aula da rua aqui né. Pra gente tinha todo sentido era um sonho realizado”.
(Líder dos movimentos das mulheres)

As mulheres do assentamento tomaram poder, tomaram para si essa luta, resistindo aos padrões da sociedade. A luta das mulheres por emancipação em diferentes frentes da sociedade vem desmistificando uma cultura pautada no machismo, esse processo de construção tem dado as mulheres, a chance de escolha e autonomia.

CONCLUSÕES

Drummond de Andrade escreveu “os ombros suportam o mundo”, em 1940, uma frase que parece ter sido escrita agora ouvindo o sofrimento do povo que vem suportando as injustiças sociais, e os direitos negados. Suportando, o descaso do poder público que não se posiciona como representantes do povo, mas como detentores de um poder que alimenta egos, e massacra a democracia.

Está pesquisa me levou a várias reflexões, e a compreensão de como se deu todo o processo de luta pela Escola Plínio Lemos, percebi que a luta pela escola, não se tratava apenas da busca por uma instituição local, mas também por uma pedagogia de emancipação humana, por uma educação

do campo que fizesse o sujeito questionar, relacionar, e ser livre. Liberdade que acontece quando as pessoas têm o direito de escolher, e só escolhe com entendimento, se tivermos conhecimento. Pude conhecer uma força feminina resistente, de esperança e garra. Mulheres que lideram e se posicionam diante das dificuldades impostas, com muita valentia e união. Mulheres inspiradoras, de personalidades extraordinárias, mediadoras de transformações.

Diante da história de lutas anteriores, e as atuais, compreendi que dentro de um processo de enfrentamento, o que no momento parece perda, depois se revela em ganho, por isso que não cabe a pressa nessa luta de viver, porque o urgente já cumpre seu percurso através das lutas por busca de justiça, igualdade, direitos e políticas pública. Esses dias junto com os assentados me levaram a entender que tais confrontos os fortalecem, e fazem ser eles quem são, as divergências proporcionam o reiventamento de quem somos, e não há riqueza maior que descobri a si mesmo. E é dentro dessas lutas coletivas, que percebemos nosso espaço, não só o físico, mas também aquele regado por significados. Viver se configura no agora.

Considero que a pesquisa no assentamento Zé Marcolino na “Escola Plínio Lemos”, foi uma experiência fundamental para minha formação enquanto docente, e construção humana. Enquanto sujeito em formação, a experiência proporcionou aproximação e reflexão sobre a educação do campo contextualizada, como ela acontece, e como é importante a garantia de uma educação que respeite o sujeito em sua particularidade. Enquanto a formação como ser humano, saio dessa pesquisa mais aberta a perceber o próximo, e humanizada diante das injustiças com o outro, sabendo que as conquistas não se dão sozinhas, elas são frutos de um coletivo que enxerga a realidade com esperança.

Assim compartilho das palavras de Paulo Freire (1992), quando ele coloca que:

Sonhar não é apenas uma ação política necessária, é uma parte integral daquilo que é ser uma pessoa histórico-social. Faz parte da natureza humana; e na história constitui um contínuo processo de criação. Ao nos criarmos no processo histórico, devemos manter a capacidade de sonhar, porque o sonho é a condição para poder mover a história. Não há mudanças sem sonhos, como também não há sonhos sem esperança. Entender a história como uma possibilidade e não como uma coisa predeterminada seria impossível sem o sonho. Mas nossos sonhos e nossas utopias não se realizam sozinhos. Nós precisamos criá-los, produzi-los, lutar para que se tornem realidades (FREIRE, 1992, p. 77)

Acredito que a prática, o convívio e estas relações de troca, contribuem para a significância das reflexões pautadas em nossa realidade. O Assentamento Zé Marcolino, não foi, nem será, ele é uma experiência que passou e está externada em mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDAO, C. R ; STRECK, D. R. (org). Pesquisa Participante: a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

FREIRE. P. (2001b). Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro. FREIRE. P. (2002a). Ação cultural para a liberdade. São Paulo: Paz e Terra

FREIRE. Paulo (1992). Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 245 p.

PALUDO, C. Educação Popular como resistência e Emancipação Humana. Cad. Cedes, Campinas, v. 5, n. 96, p. 219 – 238. Maio – agosto, 2015.

MINAYO, C.S; DESLANDES, S. F; GOMES, R. (org) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 26. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa – ação. São Paulo: Editora Cortez/ Autores Associados, 5. Ed, 1992, 108p.